

INFÂNCIAS EM DIÁLOGO COM DANÇAS URBANAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO PANDÊMICO

CHILDHOODS IN DIALOGUE WITH URBAN DANCES: AN EXPERIENCE REPORT IN THE PANDEMIC CONTEXT

LA INFANCIA EN DIÁLOGO CON LA DANZA URBANA: INFORME DE UNA EXPERIENCIA EN EL CONTEXTO DE LA PANDEMIA

Bruna Vilhena Monteiro Silva¹
Nayara Ribeiro da Silva Melo²
Martha Copolillo³
Adriana Martins Correia⁴

Resumo: Este trabalho tem como propósito narrar a experiência do Projeto de Ensino “O que pode um corpo?” da Universidade Federal Fluminense na oficina realizada com as turmas de da Escola Municipal Jackson Figueiredo. Ela ocorreu no ano de 2020 em um formato online, através do aplicativo ZOOM por decorrência da pandemia mundial do Coronavírus. Realizamos a oficina no mês de Novembro, conhecido como mês da Consciência Negra, marcado pela morte dos Zumbis dos Palmares, um dos maiores líderes quilombolas. Nesse sentido, escolhemos trabalhar a história do Hip Hop por ser um movimento cultural advindo da comunidade periférica e negra dos Estados Unidos. Levamos referências de artistas negros e precursores do movimento Hip Hop assim como também dançarinos negros e brasileiros que atuam no cenário urbano. Em seguida, ensinamos alguns passos básicos que resultaram em uma pequena sequência coreográfica para que os alunos gravassem e postassem no aplicativo Tik Tok, muito usado e conhecido entre as crianças e jovens.

Palavras-chave: Infâncias; Relações-Étnico Raciais; Danças Urbanas; Educação Física Escolar; Pandemia.

Abstract: The purpose of this paper is to narrate the experience of the Teaching Project "What can a body?" from the Universidade Federal Fluminense in the workshop held with classes from the Jackson Figueiredo Municipal School. It took place in 2020 in an online format, through the ZOOM application, due to the world pandemic of the Coronavirus. We held the workshop in the month of November, known as the month of Black Consciousness, marked by the death of Zumbis dos Palmares, one of the greatest quilombola leaders. In this sense, we chose to work on the history of Hip Hop for being a cultural movement coming from the peripheral and black community of the United States. We took references from black artists and precursors of the Hip Hop movement as well as black and Brazilian dancers who are active in the urban scene. Next, we taught some basic steps that resulted in a short choreographic sequence for the students to record and post on the application Tik Tok, widely used and known among children and young people.

¹ Estudante, Instituto de Educação Física. e-mail: brunavilhena@id.uff.br.

² Graduada, Instituto de Educação Física. e-mail: nayararibeiro@id.uff.br.

³ Docente, Instituto de Educação Física. e-mail: marthacopolillo@id.uff.br

⁴ Docente, Instituto de Educação Física. e-mail: adrianacorreia@id.uff.br.

Keywords: Childhoods; Ethnic-Racial Relations; Urban Dances; School Physical Education; Pandemic.

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo narrar la experiencia del Proyecto de Enseñanza "¿Qué puede un cuerpo?" de la Universidade Federal Fluminense en el taller realizado con las clases de la Escuela Municipal Jackson Figueiredo. Tuvo lugar en 2020 en formato online, a través de la aplicación ZOOM debido a la pandemia mundial de Coronavirus. Realizamos el taller en el mes de noviembre, conocido como el mes de la Conciencia Negra, marcado por la muerte de Zumbis dos Palmares, uno de los mayores líderes de los quilombolas. En este sentido, elegimos trabajar sobre la historia del Hip Hop por ser un movimiento cultural procedente de la comunidad periférica y negra de los Estados Unidos. Tomamos referencias de artistas negros y precursores del movimiento Hip Hop, así como de bailarines negros y brasileños activos en la escena urbana. A continuación, enseñamos algunos pasos básicos que dieron lugar a una breve secuencia coreográfica para que los alumnos la grabaran y colgaran en la aplicación Tik Tok, muy utilizada y conocida entre niños y jóvenes.

Palabras clave: Infancia; Relaciones étnicas y raciales; Danzas urbanas; Educación física escolar; Pandemia.

1 INTRODUÇÃO

O projeto de ensino “O que pode um corpo?” surgiu no ano de 2019 como parte do Programa de Licenciaturas da Universidade Federal Fluminense. Ele tem como objetivo instigar discussões e a troca de experiências entre Universidade e escola, sendo o principal foco as narrativas a respeito do corpo de crianças e jovens escolares.

Nesse mesmo ano, começamos um trabalho com as turmas do 2º ano dos Anos Iniciais da Escola Municipal Anísio Teixeira, no qual abordamos as questões das Relações Étnico-Raciais através da dança e cultura do Hip Hop que partiu de uma demanda da própria turma a partir de uma atividade de auto-imagem que aplicamos em sala. Dessa forma, partindo dos conhecimentos e materiais adquiridos dessa experiência anterior, pretendíamos continuar esse trabalho em outras escolas. Entretanto, em 2020, fomos surpreendidas com a paralisação das atividades presenciais e a migração para o ensino remoto devido a pandemia mundial do Coronavírus. Assim, as intervenções continuaram, dessa vez, virtualmente. A partir da necessidade das aulas serem online, encontramos a oportunidade de continuar nosso trabalho na Escola Municipal Jackson de Figueiredo, localizada no Rio de Janeiro, com as turmas de 4º e 5º ano dos Anos Iniciais, nesse mesmo formato online.

O planejamento integrou a coordenação do projeto, bolsistas e uma professora de Educação Física da escola foi quem mediou todo esse processo para que acontecesse da melhor forma possível. A referida professora, naquele momento também cumpria a função de mediadora responsável pela Sala de Leitura.

A oficina foi realizada em Novembro em decorrência de ser o mês da Consciência Negra e pelo planejamento da professora ter tido como foco essa temática também. Sendo um tema bastante pertinente de ser tratado na escola, não só durante o mês de Novembro mas durante todo o ano, inclusive cumprindo com a lei 10.639/03 que estabelece a obrigatoriedade do ensino dos conteúdos referentes à História da África e da Cultura Afro-Brasileira no âmbito de todo o currículo escolar.

Durante o processo, nos baseamos em concepções que tratam da infância de forma plural, como expressão multicultural de uma multidão, em oposição a um projeto de escola voltado a um povo/nação de orientação racializada e generificada (ABRAMOWICZ, 2009, SARMENTO 2007, TOMÁS 2002). Buscamos ainda, no âmbito da Educação Física, tecer relações com a concepção de cultura corporal (SOARES, 1992; DAOLIO 1994) e com os que reelaboram este conceito sob uma

perspectiva inter/multicultural e/ou pós-crítica (NEIRA, 2009; NEIRA; NUNES, 2011; WIGGERS, 2005; SAYÃO; 2002). Ainda afinadas com esse mesmo olhar, tratamos a questão da dança, que se apresenta como fio condutor desse relato, entendendo-a como manifestação que se cria a partir de projetos de comunidades que são os corpos-crianças (MARQUES, 2011).

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente realizamos uma reunião online com a professora da sala de leitura para que ela pudesse nos contar um pouco sobre as turmas e como estão ocorrendo as aulas neste formato online e as temáticas que têm abordado nas turmas.

Em seguida, uma de nós (bolsista do projeto), acompanhou duas aulas no mês de Outubro, sendo elas com as turmas do 2º e 3º ano e em um outro dia com o 4º e 5º ano, ambos dos Anos Iniciais para se familiarizar com os alunos antes da oficina do nosso grupo. Durante esse período nosso grupo realizou algumas reuniões para planejar e organizar a oficina no mês seguinte.

Em Novembro, realizamos nossa oficina para as turmas do 4º e 5º ano, a escolha das turmas se deu em uma reunião com a professora, pois a turma tinha um maior número de alunos, dessa forma teríamos maior adesão. Como este mês é conhecido como o mês da Consciência Negra, levamos como proposta a história do *Hip Hop*, uma vez que os precursores foram jovens negros periféricos dos Estados Unidos.

É importante destacar que já havíamos desenvolvido alguns saberes e estratégias pedagógicas nas oficinas do projeto no ano de 2019, onde a necessidade de abordar as questões das Relações Étnico-Raciais foi apresentada sob a demanda exposta pela turma durante o processo e, identificada pelas bolsistas e professoras à frente do projeto. Acumulando essas experiências, não poderíamos deixar de lado o tema referido para este novo trabalho, já que nossa ação aconteceria no mês de Novembro, o mês da Consciência Negra.

Entretanto, para esta intervenção, tivemos que recontextualizar nosso trabalho para o cenário pandêmico, nova escola, novas turmas, sendo assim, novas discussões. Ainda assim, julgamos o tema pertinente por se tratar de um período de fortes manifestações de exaltação do povo negro. O dia 20 de Novembro é considerado o Dia

Nacional da Consciência Negra, pois este dia faz referência a morte dos Zumbis dos Palmares, um dos maiores líderes quilombolas do país.

Começamos a oficina remota com uma breve apresentação do grupo e das bolsistas que ficaram à frente da aula nesse dia. Assim como também, ouvimos e conhecemos os alunos, perguntamos o que eles gostavam de fazer e se já dançaram alguma vez. Explicamos um pouco da história e origem da cultura *Hip Hop* relacionando com o mês da Consciência Negra e toda sua importância para o país.

Exibimos então um material construído no ano anterior. Trata-se de um vídeo feito a partir de uma obra de história infantil da escritora Bell Hooks, denominada “Minha dança tem história”. Esse livro tem como protagonista um personagem negro e b-boy (“*break boy*”, ou seja, dançarino de *break*), contando-o em formato de vídeo, pudemos ilustrar as imagens do livro, as características do personagem e cada verso da história foi cantado sob a forma de rap. Em seguida, mostramos outro vídeo com referências de artistas, como Afrika Bambaataa, um dos primeiros DJs considerado como criador do *Hip Hop*, e *The Jackson Five*, grupo musical que influenciou no universo da música pop. Também incluímos no vídeo dançarinos negros que estão por dentro da cena do *Hip Hop* no Brasil. Logo após, propomos uma conversa sobre alguns elementos que caracterizam um dançarino de *Hip Hop* como as vestimentas, o comportamento, a beleza estética, entre outros. Assim, fazendo um comparativo com o menino b-boy da história da Bell Hooks, e os dançarinos e artistas dos vídeos citados anteriormente.

Em seguida, as bolsistas do projeto passaram uma sequência com algumas danças sociais (passos básicos da cultura e da modalidade de dança *Hip Hop*). Uma de nós ensinou 3 passos básicos e logo depois finalizamos ensinando mais 3 passos básicos. Não tivemos a intenção de cobrar por uma perfeita execução mas frisamos que a modalidade de dança *Hip Hop* permite a espontaneidade na hora de dançar e executar tal passo. Buscamos dar liberdade para que cada criança pudesse se expressar corporalmente com toda a sua vivência em outros contextos da vida, não apenas na dança. Ao final, unimos os passos ensinados que resultaram em uma sequência coreográfica.

Uma vez que o uso das redes sociais têm aumentado com a pandemia, pensamos em aproveitar essa ferramenta com a turma, construindo essa sequência para que os alunos realizassem utilizando o aplicativo *Tik Tok*, já conhecido entre as crianças e jovens. Dessa forma, ao terminarmos a oficina deixamos como desafio gravarem um vídeo com essa sequência e postarem neste aplicativo. Para facilitar o aprendizado, encaminhamos

uma gravação com o tutorial da sequência de dança, assim eles poderiam rever e absorver ainda mais o que foi passado na oficina.

A escolha da música para essa sequência foi feita buscando enfatizar o tema que foi abordado com a turma. Decidimos utilizar a música "Quem Tem Joga" das cantoras Drik Barbosa, Karol Conka e Gloria Groove ambas de origem periférica de São Paulo, sendo as primeiras, duas mulheres negras e rappers super potentes dentro da cena urbana e a última, uma drag queen brasileira com muita representatividade e forte presença no cenário musical. A letra da música traz elementos importantes do empoderamento feminino e negro. Realçam a beleza estética negra ao falar do pente garfo, do *black power* e do corpo. E no seu decorrer, em várias partes, elas falam fortemente sobre a resistência negra e feminina, colocando a mulher negra numa posição de poder e *glamour*.

3 DISCUSSÃO

De forma geral, entendemos como positiva nossa experiência, a adesão da turma nas discussões a respeito do material inicialmente apresentado foi importante, boa parte dos alunos e alunas se manifestaram e, uma delas, relacionou as características físicas do 'b-boy', personagem do livro contado em formato de vídeo da escritora Bell Hooks, com os dançarinos de *Hip Hop* e Funk (passinho) brasileiros apresentados no vídeo também exposto na oficina, que em sua maioria eram jovens pretos.

Entendemos que a escola é um lugar que atravessa e determina parte importante das formas de estar e existir dos então alunos nos diversos espaços dentro e fora da escola. Educá-los de forma crítica, propondo reflexões e discussões, é fundamental para o desenvolvimento e autonomia dos alunos como cidadãos, ou projetos de comunidade e, não apenas educá-los para se encaixarem em moldes preestabelecidos, corpos-conchas (MARQUES, 2011).

Dessa forma, consideramos importante tratar de questões raciais e de minorias no ambiente escolar, pois contribui para a criação de uma visão social consciente da diversidade existente em nosso país, aprendendo, então, a respeitá-las. Nesse sentido, apesar do mês de Novembro ser da Consciência Negra, é preciso pontuar que falar de uma temática tão profunda e importante que é sobre as questões das Relações Étnico-Raciais, assim como a exaltação do povo negro e sua história, suas conquistas e seus feitos não se limitam apenas a esse momento. Mas sim, durante todo o ano e

principalmente, em todo o período escolar do aluno. Para isso, é necessário que as instituições escolares se dediquem em “reeducar no sentido do respeito, reconhecimento, valorização, convívio construtivo” (SILVA, 2015, p.169).

Entretanto, percebemos o quanto o ensino remoto, de certa forma, é excludente. A professora nos informou em uma das reuniões com o grupo que a adesão da turma quanto ao formato online foi muito baixa, em torno de 10% dos alunos da turma tinham acesso a um celular, um computador ou algum aparelho eletrônico para conseguir fazer as aulas. Além disso, durante a oficina, um dos alunos teve bastante dificuldade em conseguir acompanhar a aula pois a sua internet estava oscilando na maior parte do tempo (desconectando e conectando repetidas vezes), causando possíveis problemas como a tela ficar travando em alguns momentos e também, o aluno teve de ficar entrando e saindo do aplicativo por muitas vezes para conseguir acessar mas ainda sim, foi muito difícil a sua participação.

Nesse sentido, nos sentimos impotentes, pois não tínhamos o que fazer para ajudá-lo, por isso tivemos a ideia de enviar um vídeo tutorial para a turma, para que esse aluno assim como os demais que tiveram alguma dificuldade de acompanhar a aula, fossem contemplados e pudessem ter melhor entendimento. Então, prontamente decidimos seguir com essa ideia.

Uma questão recorrente ao se tratar de oficina online também, é quanto ao feedback dos alunos e alunas com as atividades propostas para casa. Com relação a nossa oficina, não tivemos retorno quanto aos vídeos deles reproduzindo a sequência coreográfica, ainda que tenham se envolvido durante a aula.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Considerando que o projeto tem como uma de suas funções mediar o contato entre a Universidade e Escola, a fim de provocar reflexões e, também, tensionar questões que permeiam o contexto em que estes corpos escolares estão inseridos, nos deparamos com situações que ultrapassaram o objetivo inicial da intervenção, quando nem todos os alunos e alunas obtiveram plena participação na oficina online, devido a problemas na internet, ampliando assim a discussão deste relato. Entendemos que a escola, atuando de forma remota, ainda é um espaço dinâmico, onde os fatos não estão dados ou enrijecidos.

Buscar novas soluções, trazer o tutorial para além da oficina e relacioná-lo com o aplicativo *Tik Tok* foi uma forma de lidar com os desdobramentos que o atual contexto nos apresenta, de forma a aproveitar as ferramentas que no momento estão ao nosso dispor. No entanto, destacamos a grande dificuldade dos alunos, principalmente os que estudam em escola pública que são em sua maioria, negros e de baixa renda, conseguirem ter acesso às aulas online.

De fato, as aulas no formato online foram uma alternativa que a escola encontrou para que os alunos não permanecessem sem as aulas durante todo esse período pandêmico, entretanto, esta é uma questão que traz consigo diversas problemáticas, pois a mesma não contempla grande parte dos alunos. Nesse sentido, é necessário que a escola busque formas para encontrar ferramentas das quais os alunos possam ser contemplados de forma igualitária pelas aulas online, para então levar adiante o ensino e garantirem o direito de uma educação de qualidade.

Por outro lado, não há solução individual quando o problema afeta uma parte significativa da sociedade. Acreditar que a escola por si só irá solucionar um problema estrutural que atinge a população pobre e, em sua maioria negra é romantizar e negligenciar os fatos, já que “na corrida por um lugar ao sol”, as crianças e jovens pretos e pretas ainda carregam consigo as pesadas marcas de centenas de anos de escravização de seus corpos, até hoje em suas vidas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; LEVCOVITZ, Diana; RODRIGUES, Tatiane Cosentino. **Infâncias em Educação Infantil. Different kinds of childhood in early childhood education.** *Pro-Posições*, v. 20, n. 3, p. 179-197, 2009.

MARQUES, Isabel. **Notas sobre o corpo e o ensino de Dança.** *Caderno Pedagógico*, Lajeado, v. 8, n. 1, p. 31-36, 2011.

NEIRA, Marcos Garcia. Educação Física na perspectiva cultural: proposições a partir do debate em torno do currículo e da expansão do Ensino Fundamental. **Revista Horizontes**, p. 79-89, 2009.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. Contribuições dos estudos culturais para o currículo da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 671-685, 2011.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Culturas infantis e interculturalidade. Produzindo pedagogias interculturais na infância.** Petrópolis, RJ: Vozes, p. 19-40, 2007.

SAYÃO, Deborah Thomé. **A construção de identidade e papéis de gênero na infância:** articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física infantil. *Pensar a prática*, v. 5, p. 1-14, 2002.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Crianças negras entre a assimilação e a negritude. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 161-187, 2015.

SOARES, Carmem Lúcia et al. **Metodologia do ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

TOMÁS, Catarina. Infância como um campo de estudo multi e interdisciplinar, algumas reflexões». **Revista Psicologia e Educação**, v. 1, p. 131-146, 2002.

WIGGERS, Ingrid Dittrich. Cultura corporal infantil: mediações da escola, da mídia e da arte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 3, 2005